

A sede de sangue dessa revolução é tão abstrata e tão exclusivamente dominada por frios conceitos, que os pais duma camareira da rainha queimaram viva sua própria filha, por causa do seu apego à ama. Ataram-na a um tronco de madeira recoberto com enxôfre, ao qual atearam fogo. As massas populares valeram-se desta proeza para carregá-los em triunfo como exemplos vivos de verdadeiro amor à pátria, dignos de serem imitados por todos os pais e tôdas as mães que por acaso ainda hesitassem a sacrificar seus filhos à grande idéia da igualdade.

* * *

A vontade daquele tempo, com uma objetividade fria e dura, se empenha em substituir as desigualdades orgânicamente desenvolvidas por um sistema de igualdade racional e metódica. Para realizar essa arrojada e temerária empreza, serve-se das figuras mais esquisitas de chefes que têm de proclamar essa vontade de remodelar o mundo segundo princípios abstratos, consagrar sua vida a afirmá-la e morrer por ela. Essas figuras, aparentemente, ela vai buscá-las ao acaso; na rua, no quarto de estudo dos sábios, nos escritórios de advocacia, nos quartos de estudantes e nos "boudoirs" das mulheres de vida fácil. Em seguida, de um momento para outro, fá-los proferir discursos que ultrapassam o alcance de sua inteligência e praticar atos acima de suas míseras forças. Cada uma de suas palavras se transforma em artigo de fé, cada uma de suas ações em exemplo. Empresta a suas paixões, a seus caprichos e a seus defeitos, um alcance fatídico. Essa vontade é que, de vez, sublima sua vida mesquinha, até então subordinada a negócios, desejos e interesses fúteis, para elevá-los à altura da obscura missão histórica que têm de cumprir.

No dia 12 de julho de 1789, um moço está passeando pelas ruas de Paris, mero transeunte como tantos outros. Eis que esbarra num desses agrupamentos de gente que discute animadamente a exoneração do popularíssimo ministro das Finanças, Necker, a qual acaba de se tornar pública. "Estava eu justamente me queixando da covardia geral, no meio dum grupo, quando passam três rapazes moços dando-se as mãos e que chamam às armas. Acompanho-os. O povo repara minha indignação. Cercam-me por tôda parte. Obrigam-me a subir a uma mesa e, num instante, tenho seis mil pessoas em redor de mim".

Há alguns minutos, ainda era o jovem advogado desconhecido, Camille Desmoulins, um entre inúmeros outros. Alterara-se como tantos outros. Nada nêle havia que não estivesse em todos — domina-o agora uma desordenada mistura de indignação, de vontade, de revolta e de entusiasmo sem alvo certo: "Sufocava eu numa barafunda de idéias que me oprimiam. Falei sem nexos. Às armas!

Às armas! gritei eu. Tomemos, todos, cocardas verdes, a côr da esperança!"

Um homem feio, destituído de qualquer atrativo, proclama isso da mesa dum café. Seu rosto escuro e luzente tem uma expressão sem nobreza. As poucas palavras que pronuncia são gaguejadas com esforço. Não importa! No momento, seis mil parisienses, entusiasmados, olham em êxtase para êle.

"Quando descí, abraçaram-me; esmagaram-me sob suas carícias. Meu amigo, gritavam todos, não te abandonaremos. Nós te seguiremos para onde quiseres!"

E, de fato, tôda a França responde ao apêlo lançado por Camille Desmoulins: "Às armas!" Assim é que a excitação ocasional dum moço irrequieto fornece a senha da maior revolução da história universal.

O jovem advogado, em virtude do efeito inesperado de suas palavras se sente jogado fora do caminho até então trilhado, chamado a ser o advogado da sublime causa, destinado a ações de infinita grandeza. Por aqueles dias, escreve a seu pai: "Como poderei eu continuar a defender os interesses de pequenos burgueses nas suas disputas, agora que tenho de advogar, perante o mundo, os interesses da humanidade?"

Contudo, a Revolução pôde servir-se do seu entusiasmo somente durante o tempo preciso para acender a chama da revolta. Mal começa a ser executada a reorganização estritamente abstrata do mundo e já se torna patente a insuficiência dum mero impulso juvenil. Eis por quê a onda revolucionária passa por cima de Camille Desmoulins.

Sonhara uma "alegre religião", da liberdade e da igualdade, da felicidade e do júbilo de viver. Agora, assusta-se até o fundo da alma, à medida que a idéia começa a desvendar seu verdadeiro sentido e a austeridade de seus propósitos. Nem sua alma nem seu espírito estão à altura dessa obra para cuja realização dera o primeiro impulso. Há momentos em que se sente tentado a "correr às frentes e procurar a morte para escapar ao espetáculo de tanto horror".

Uma época cuja vontade pretende substituir por construções racionais, tudo o que se formou orgânicamente, que, pretende substituir por abstrações tudo o que é vivo, precisa também de homens mais duros do que Desmoulins. "Os Deuses têm sede!" escrevera êle próprio, uma vez. De fato, a "Deusa da Razão" exige que seja destruído e morto tudo o que se opõe a seus planos.

Desmoulins tem de ir para o cadafalso e lá se evidencia quão insuficientes eram seus dotes para patrocinar idéias sobrehumanas. Pois nem foi capaz de morrer por elas dum modo condigno. Gemendo e carpindo, resiste ao alçoz. Outrora, chamara a multidão às armas; agora, da carreta do verdugo, suplica em balde à mesma multidão, que o salve.